A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO DO COMITÊ CENTRAL DO P.C. DO BRASIL

200 MILHAS E DEMAGOGIA

Entrou em vigor, a 1º de junho, o decreto do general Médici que estendeu para 200 milhas o mar territorial brasileiro. Cercadas por grande estardalhaço publicitário, manobras aeronavais se realizaram, e continuam se realizando, em diversos pontos do litoral do país. Todos os meios de comunicação, sob a batuta e o contrôle da Agência Nacional, desencadearam ampla campanha propagandística dos objetivos "patrióticos" dos militares no Poder. Conhecidos entreguistas e lacaios do imperialismo, de um momento para outro, aparecem transvestidos de defensores dos interêsses nacionais.

Porta-voz do Departamento de Estado norte-americano, por seu turno, arrogantemente afirmou não estarem os barcos pesqueiros de seu país obrigados a respeitar os limites fixados para pesca, nem a pagar as taxas exigidas para tal fim pelo govêrno brasileiro. Ao comentar tal declaração, fontes do Ministério da Marinha, no Rio de Janeiro, asseguraram que "a posição dos Estados Unidos contra as 200 milhas marítimas não possui qualquer conotação econômica, mas sim militar". Segundo estas mesmas fontes, a V Esquadra estadunidense teria dificuldades em suas manobras no Atlântico Sul.

Na realidade, os imperialistas estrangeiros, principalmente os norte-americanos, não terão prejuízos econômicos nem tampouco militares com a medida do govêrno brasileiro.

O litoral brasileiro sempre foi vítima da ação predatória dos barcos pesqueiros estrangeiros, muitos dos quais têm suas emprêsas proprietárias registradas no país. A grupos monopolistas norte-americanos pertencem as firmas que exploram a pesca, a industrialização e a exportação da lagosta no Nordeste brasileiro. Como são radicadas no país — na verdade filiais de firmas americanas — são "brasileiras", segundo a legislação em vigor. Inúmeros outros empreendimentos estrangeiros (japoneses, franceses, italianos, etc.), também se "nacionalizaram": registraram firmas no Brasil ou simplesmente associaram-se a firmas nacionais já existentes, passando a controlá-las. A Superintendência do Desenvolvimento da Pesca, órgão governamental, em folheto publicitário, informou que a frota pesqueira do Brasil é composta de 439 barcos nacionais e 508 unidades de procedência estrangeira. Conclui-se que a frota pesqueira do Brasil não é brasileira... É precisamente para a defesa das grandes emprêsas estrangeiras que está voltada a política pesqueira da ditadura. Enquanto ampara-as, o govêrno deixa ao completo abandono as dezenas de milhares de pescadores brasileiros que utilizam arcaicos métodos e instrumentos de trabalho. A êstes patrícios só restará o recurso de venderem sua fôrça de trabalho às grandes firmas, ou então, pescando por sua própria conta, fornecer o produto de seus esforços, a preços baixíssimos, aos grupos monopolistas que controlam a pesca no Brasil.

A ditadura toma a defesa das grandes firmas instaladas no país contra possíveis concorrentes sediados no exterior. É improvável, no entanto, que a pirataria, notadamente dos barcos soviéticos, japoneses e outros, cesse no litoral brasileiro. Se forem pilhados em flagrante, pagarão as multas correspondentes ou as taxas que lhes permitam pescar tranqüilamente, segundo as normas aprovadas. E nada mais... além de alguns milhares

(Continua na página seguinte)

Neste Número:

Nº 54 Junho de 1971 Ano VIII

Duzentas milhas e demagogia (Continuação da 1ª página)

de dólares que afluirão aos cofres do govêrno. Há, ainda, o recurso previsto na regulamentação publicada: acôrdo entre nações para a pesca. É o que já vêm pondo em prática a França, o Japão e países do Continente.

Tampouco do ponto de vista militar os Estados Unidos sofrerão restrições. A compra e a construção de novos navios de guerra, medida tomada pelo govêrno brasileiro a pretexto de vigir o mar territorial, corresponde aos interêsses estratéticos do govêrno de Washington. É vantajoso para o imperialismo ianque o fortalecimento das Armadas dos países latino-americanos. Já há algum tempo, vem sendo estudada a conclusão de um Pacto de Defesa do Atlântico Sul que, sob a égide dos Estados Unidos, unificaria o poder naval do Brasil, da Argentina e dos fascistas da África do Sul e de Portugal. Tal pacto voltar-se-ia diretamente contra o movimento de libertação nacional em nosso Continente e na África.

Quanto à livre movimentação dos navios de guerra dos Estados Unidos no Atlântico é de se prever que continuarão agindo à vontade. A sempre bem informada revista "Veja" (16/6/71), assinala a propósito: "As frotas e os submarinos americanos, à primeira vista impedidos de navegar em boa parte do Atlântico, poderão trafegar pacificamente desde que a regulamentação da 'passagem inocente' por águas brasileiras estabeleça critérios especiais, reconhecendo na frota americana a condição de aliada do Brasil". Aliás, isto é o que vem ocorrendo no mar territorial daqueles países que já o estenderam para 200 milhas.

É proveitoso para os militaristas ianques o reforçamento das marinhas de guerra dos países latino-americanos, uma vez que as controlam através das missões navais, da venda de armas e equipamentos, do treinamento de oficiais e da formulação da doutrina naval. Tem-nas como reserva e reforço para seus planos estratégicos. Periodicamente, se realizam as já famosas "Operações Unitas", manobras conjuntas das armadas dos vários países do Continente sob o comando da Marinha dos Estados Unidos. "Não haverá nenhuma alteração no programa da operação Unitas"— afirmou em entrevista o almirante Adalberto de Barros Nunes, ministro da Marinha do Brasil. E prosseguiu: "As manobras serão realizadas em outubro próximo, com a participação das belonaves americanas e de outros países. As 200 milhas não interferem na operação. Na última quinzena de maio, foi realizada, na Guanabara, a 'pré-Unitas', ou seja, sua fase de planejamento. O peixe é problema de comércio. No mais, continua tudo como dantes". (...) "O entendimento entre o Brasil e os Estados Unidos é perfeito".

É certo que os imperialistas ianques temem até mesmo a demagogia "nacionalista" dos militares fascistas. Receiam que possa suscitar ainda mais no povo o crescente sentimento anti-americano. Tratam, pois, seus lacaios a pontapés. Exigem deles obediencia total. Paralelamente, grupos economicos americanos aproveitam-se do pretexto para tomar medidas contra os países latino-americanos, como a redução da cota de açucar e o adiamento da votação do projeto que prorroga a participação dos EEUU no Acôrdo Internacional do Café. São medidas há muito acalentadas por êsses grupos e postas em prática agora. Estas medidas não atingem só os países que ampliaram seu mar territorial, mas igualmente a Colômbia, Costa Rica e outros que não adotaram tal providência.

Pouco a pouco, vão se tornando claros os verdadeiros objetivos dos militares brasileiros ao estender o mar territorial para 200 milhas. É cada vez maior o número daqueles que se perguntam: como pretendem defender os interêsses brasileiros no mar os generais que realizam uma descarada e aberta política de entrega do país aos imperialistas estrangeiros, principalmente norte-americanos? Se não defendem as riquezas existentes na terra, como defenderão os recursos do mar? A atitude dos militares brasileiros não passa, pois, de demagogia barata, de tentativa de engôdo para encobrir a verdadeira traição aos interêsses de nosso povo.

Ao contrário dos militares que ocupam o Poder desde 1964, os verdadeiros patriotas e democratas são firmes defensores dos interêsses nacionais e disto têm dado provas irrefutáveis opondo-se, decididamente, à exploração do país por parte dos grupos monopolistas estrangeiros. Por sua firmeza, muitos têm pago com a própria vida ou sofrido torturas nos cárceres dos militares traidores que entregam o país ao total contrôle dos imperialistas estrangeiros, notadamente dos norte-americanos. Consideram, pois, seu dever inclinável continuar na luta pela completa independência nacional e desmascarar a demagogia dos governantes.

COMENTÁRIO NACIONAL

AMPLIAR E RADICALIZAR AS AÇÕES POPULARES

O desprêzo pelo povo é uma das facetas mais odiosas do regime dos militares. O povo brasileiro, vítima da exploração dos latifundiários e dos grandes capitalistas nacionais e estrangeiros, sempre teve um baixíssimo nível de vida. Mas não há demagogia que possa esconder o fato de que, após o golpe de 1964, as condições de vida das massas tornaram-se quase insuportáveis.

O custo de vida cresce sem cessar. Os próprios dados, evidentemente reduzidos, dos órgãos governamentais admitem que, no primeiro semestre dêste ano, em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, o custo das utilidades dobrou em relação a igual período de 1970. O "arrôcho salarial", posto em prática sob o contrôle do Fundo Monetário Internacional, reduz drasticamente o poder aquisitivo dos trabalhadores. Através da elevação sem peias das taxas e impostos, o governo retira mais dinheiro do bôlso dos trabalhadores para alimentar a sempre mais exigente máquina burocrático-militar com que reprime as lutas populares. Reduz-se o número de vagas nas escolas , que passam a ser pagas em todos os graus. As enfermidades endêmicas aniquilam centenas de milhares de pessoas. A mortalidade infantil pela fome, mesmo nas grandes cidades, cresce assustadoramente. "As crianças que morrem, anualmente, no Estado de São Paulo, com menos de um ano de vida — declarou o secretário de Saúde daquela unidade da Federação — dariam uma fileira de sepulturas de quase 74 quilômetros de extensão — a distância entre as cidades de São Paulo e São Vicente — e com espaço de um metro entre os túmulos". A intensificação dos ritmos de produção, que permite maiores lucros aos patrões, tem gerado alarmante elevação do número de acidentes do trabalho. Raro é o dia em que os jornais não noticiam desastres em que morrem ou ficam mutilados dezenas de trabalhadores. A orientação do govêrno tendente à concentração do capital e da produção em grandes emprêsas leva à falência milhares e milhares de pequenos e médios comerciantes e industriais.

Êste quadro sombrio é agravado pela falta de liberdades para reivindicar. O govêrno reprime sem dó nem piedade quaisquer manifestações de inconformismo. Quando, devido à amplitude do movimento, não pode empregar a repressão de imediato, infiltra seus agentes provocadores entre as massas para tentar dividí-las.

No entanto, nem a repressão nem a demagogia têm sido suficientes para impedir que o povo lute por seus direitos e se oponha, por todos os meios a seu alcance, à política de fome e de miséria levada a cabo pelos militares. Lutas explodem em tôda parte, pondo em dificuldades os governantes. Não têm paralelo com outras épocas as ações dos camponeses flagelados do Nordeste durante a atual sêca. Premidos pela fome, em busca de comida e trabalho, dezenas de milhares de flagelados, em ações nos vários Estados nordestinos, invadiram cidades, saquearam armazéns, principalmente do govêrno e dos grandes comerciantes, assaltaram trens, ocuparam prefeituras e reagiram, em várias oportunidades , às repressões policiais. Milhares de vítimas das inundações, no Estado do Rio, em vista do descaso do governo, invadiram armazéns para se suprirem de alimentos. Em Meriti, mais de 10 mil pessoas participaram dessas ações. Sucedem-se os quebra-quebras de ônibus em Brasília, Fortaleza, Pôrto Alegre e em outras cidades como protesto contra os aumentos abusivos das tarifas e a falta de transporte. Camponeses esbulhados em seu direito à terra, em vários pontos do país, têm-se levantado, inclusive de armas nas mãos, para resistir aos grileiros apoiados por soldados e policiais. Mesmo proibidas, greves se realizam em várias fábricas por aumento de salários, contra o atraso de pagamentos e por outras reivindicações. Estudantes se manifestam na Guanabara, na Bahia e em São Paulo por mais vagas e verbas para que possam estudar, enquanto professôres de Minas Gerais, do Paraná e de outros Estados recusam-se a continuar lecionando sem receberem seus vencimentos, há vários meses em atraso. Setores de comerciantes e industriais denunciam a desnacionalização da economia nacional e exigem do govêrno a cessação dessa política entreguista.

A contradição entre a maioria esmagadora do povo e a ditadura militar agravou-se enormemente. Os militares que dirigem o país só conseguiram, até agora, granjear o ódio sagrado do povo. Muitos dêles temem até andar fardados, receosos da vingança popular. A luta direta e aberta pela derrubada da ditadura militar-fascista amplia-se. As lutas do povo por suas reivindicações reforçam a oposição popular à ditadura dos militares. Esta será derrubada pela ação das próprias massas que, ao reivindicar seus direitos, vêm-se face a face com a repressão brutal e tomam consciência de quem são seus inimigos. A prática vem demonstrando que as campanhas reivindicatórias ajudam a isolar e desgastar o govêrno e criam condições mais propícias ao desencadeamento da luta armada. Aos comunistas cabe o dever de colocar-se à frente das lutas do povo, ajudá-lo a encontrar as adequadas formas de lutar e de se organizar que possibilitem ampliar suas ações e radicalizá-las de acôrdo com o nível de consciência e de organização já alcançados pela oposição popular que se reforça no curso dos combates. De batalha em batalha, aprendendo com a vida, o povo con -

MOVIMENTO COMUNISTA MUNDIAL

CONGRESSO DOS COMUNISTAS AUSTRÍACOS

Em março último, foi realizado o 2º Congresso Ordinário do Partido Comunista (m-l) da Áustria, segundo Comunicado publicado em seu jornal "Rot Fahne" ("Bandeira Vermelha"). As atenções principais dos congressistas giraram em tôrno das questões organizativas, tais como a criação de novas organizações de base, o fortalecimento das já existentes e o estreitamento de seus laços com o Comitê Central. O Congresso ressaltou a necessidade de aperfeiçoar a educação dos militantes e ampliar o estudo da teoria marxista-leninista. Mostrou o desejo de colaborar mais estreitamente com os grupos de esquerda e as organizações de massa progressistas e reforçar o trabalho entre a juventude. O Congresso considerou tarefa da maior importância a aproximação com os partidos e organizações marxistas-leninistas de todo o mundo e a intensificação da prática do internacionalismo proletário. Elegeu, ainda, o nôvo Comitê Central e as Comissões Centrais do Partido.

POVO BOLIVIANO NO CAMINHO DA GUERRA POPULAR

O Partido Comunista da Bolívia, depois de expulsar de suas fileiras, há algum tempo, os revisionistas e outros oportunistas, assumiu a tarefa de preparar, organizar e dirigir as massas oprimidas de seu país. Seu Programa baseia-se na união revolucionária de tôdas as fôrças populares para iniciar a revolução democrática nacional, a fim de derrubar, através da luta armada, o domínio dos imperialistas norte-americanos e seus servidores internos e para que o povo tome o Poder, sob a direção da classe operária.

Para alcançar êstes objetivos, os comunistas bolivianos indicam o caminho da guerra popular revolucionária. A guerra popular — afirmam os marxistas-leninistas bolivianos — não é obra de um só indivíduo ou tampouco de um grupo de pessoas. O principal objetivo da guerra popular é o de levantar as massas em luta contra seus opressores. Certamente, ela não se inicia com a participação de tôdas as massas, mas, à medida que se desenvolve, vai incorporando mais e mais contingentes populares até assegurar a máxima integração das massas na luta. Assim começaram todos os povos que triunfaram na revolução. A luta de libertação que o povo boliviano realizará será, portanto, uma guerra popular onde participarão as amplas massas. Será uma luta política que derrubará as classes opressoras e instalará as classes oprimidas no Poder.

Os marxistas-leninistas da Bolívia concedem atenção especial à construção do Partido para que êste possa desempenhar cabalmente o papel de vanguarda na revolução. Êste Partido organiza a luta a partir das peculiaridades nacionais e, com base no marxismo-leninismo, determina sua orientação revolucionária. Apoiando-se em seus próprios esforços, procura encontrar o caminho que conduz à libertação de seu povo, sem menosprezar a experiência dos países irmãos. Apoiar-se em suas próprias fôrças em tôdas as frentes da atividade revolucionária — diz o PC da Bolívia — implica em penetrar profundamente nas amplas massas oprimidas para colher entre elas os ensinamentos que permitirão aplicar corretamente o marximo-leninismo à guerra revolucionária que o povo boliviano travará contra seus opressores. Somente unindo todos os que são contra o inimigo, aplicando, sem vacilações, a linha revolucionária de apoiar-se em suas próprias fôrças e levando adiante a guerra popular revolucionária, o povo boliviano poderá libertar-se da dominação imperialista ianque e de seus sustentáculos internos.

O PC(m-l) DA HOLANDA E A LUTA POLÍTICA

"Der Comunist" ("O Comunista"), jornal do PC da Holanda (m-l), conclamou a classe operária holandesa a vincular estreitamente a luta pelas reivindicações econômicas à luta política, a fim de levar adiante a luta revolucionária até a derrubada do regime capitalista opressor. Somente assim, os proletários poderão fazer frente à política de inflação da burguesia monopolista, de aumento dos impostos, elevação dos preços e congelamento dos salários, que anula suas conquistas, obtidas através da luta. Por outro lado, é preciso desmascarar e eliminar os pelegos sindicais, aliados dos patrões, e converter os sindicatos em instrumentos para sua luta revolucionária. "Der Comunist", ao mesmo tempo, denuncia as palavras-de-ordem pacifistas e de colaboração de classes dos revisionistas contemporâneos. Somente a luta política — ressalta o jornal — pode debilitar o regime capitalista, elevar a consciência política dos trabalhadores e criar condições para que o proletariado, poderosamente organizado e sob a direção dos revolucionários proletários, derrube o regime capitalista, através da violência, e instaure a ditadura do proletariado.

PERSISTIR NA LINHA REVOLUCIONÁRIA

Êste mês assinala o quinto aniversário da realização da VI Conferência Nacional do Partido Comunista do Brasil. Esta Conferência adquiriu um significado especial na história do Partido e nos destinos da luta revolucionária do povo brasileiro contra seus opressores e exploradores.

As decisões da Conferência de 1966 complementaram as da V Conferência Extraordinária que reorganizou o Partido e aprovou o Manifesto-Programa, cujo conteúdo fundamental é a conquista do poder político através da luta armada. A VI Conferência — que contou com dezenas de delegados eleitos em quase todos os Estados — teve como preocupação básica a elaboração de uma tática revolucionária precisamente para levar à prática as indicações programáticas, nas condições criadas pelo golpe de Estado de 1964. Indicou os meios e as formas viáveis para alcançar os objetivos fixados no Manifesto-Programa. "Sem um programa — assinalou Lênin em 1911 — é impossível que o Partido seja um organismo político mais ou menos integrado, capaz de manter sempre uma linha ante todas as viragens dos acontecimentos. Sem uma linha tática baseada na avaliação do momento político atual e que dê resposta aos 'malditos problemas' do presente, é possível ter um pequeno grupo de teóricos, mas não uma unidade política operativa". Para enfrentar os "malditos problemas" do dia-a-dia, sem perder de vista os objetivos estratégicos, é que a reunião dos comunistas em junho de 1966 indicou o caminho da unidade dos patriotas e democratas para derrubar a ditadura militar e livrar o país do domínio dos Estados Unidos.

O documento "União dos Brasileiros Para Livrar o País da Crise, da Ditadura e da Ameaça Neocolonialista" conserva, passados cinco anos, tôda a sua atualidade. Mais ainda: a vida comprovou inteiramente a correção das teses e conclusões fundamentais dêsse documento. Aplicando a orientação revolucionária da VI Conferência e as resoluções do Comitê Central, os comunistas obtiveram consideráveis êxitos na consolidação política, orgânica e ideológica do partido marxista-leninista e elevaram sua autoridade entre as massas de nosso povo.

Uma tática ampla como a aprovada na VI Conferência, abriu enormes perspectivas para a vinculação dos comunistas às massas, sobretudo às camadas mais pobres da população brasileira. Serviu para definir de forma clara e insofismável, em relação às outras correntes de esquerda, a fisionomia não só revolucionária como proletária do Partido. Preconizando a união de todos que é possível unir, neutralização de todos que é possível neutralizar com vistas a isolar ao máximo os inimigos e contra êles concentrar o fogo da luta revolucionária, a tática dos comunistas contribuiu para fazer avançar e fortalecer a oposição popular. O programa de frente única então apresentado sintetiza as aspirações de diferentes fôrças e camadas sociais interessadas na luta contra os militares que assaltaram o Poder em 1964 com o apoio do imperialismo estadunidense.

É em tôrno da luta pela independência nacional, pelo progresso e pela liberdade — e não por objetivos supostamente radicais como propõem certos agrupamentos pequeno-burgueses — que vem se aglutinando a oposição popular, avançando a união dos patriotas pela derrubada do atual regime. A classe operária tem realizado numerosas ações, inclusive greves, contra o "arrôcho salarial" e por seus direitos. Camponeses, em diferentes regiões do país, vêm recorrendo a várias formas de combate, até mesmo armadas, contra a exploração e a opressão dos latifundiários. Ampliando e radicalizando suas lutas, os estudantes derrotaram a política de "diálogo" dos governantes. A intelectualidade resiste ao terrorismo cultural da ditadura e exige liberdade para a criação artística. Patriotas têm desmascarado com vigor a entrega do país ao contrôle total do imperialismo. Pequenos e médios comerciantes e industriais opõem-se à desnacionalização da economia nacional. Em memorável campanha que alcança repercussão internacional, amplos setores do povo brasileiro desmascaram os crimes dos militares no Poder, denunciam as torturas de que são vítimas os presos políticos, exigem a liberdade dos encarcerados e condenam com veemência a aplicação da pena de morte e de prisão perpétua.

Em defesa de seus direitos e reivindicações, as massas populares têm utilizado as mais amplas e variadas formas de luta, combinando as formas legais com as ilegais, as abertas com as clandestinas. Têm sido úteis para desmascarar e isolar o inimigo, tanto o emprêgo de ações amplas de massas — que tiveram seu auge em 1968 e abarcaram todas as grandes cidades do país —, como as panfletagens e inscrições murais realizadas por pequenos grupos de revolucionários; tanto as ações, inclusive armadas, dos camponeses em defesa de suas terras, como as campanhas de rua para obter assinaturas dos populares, levadas a cabo pelos estudantes em defesa de seu justo direito a estudar; tanto as campanhas de âmbito nacional, de que é exemplo a que vem sendo realizada contra as torturas e a pena de morte, como as demonstrações locais e restritas a uma emprêsa ou mesmo a um setor de trabalho.

A prática indica — dando razão aos comunistas — que sempre que as palavras-de-ordem refletem as verdadeiras aspirações das massas e são empregadas corretas e adequadas formas de luta e de organização, mais ampla é a participação do povo nos combates e mais difícil o desencadeamento da repressão pelo inimigo. Elevando

(Continua)

Ampliar e radicalizar... (Continuação da pág. 5)

seu nível de consciência e de organização no curso da própria luta, as massas têm mais condições para reponder à violência do inimigo com a violência revolucionária. Paulatinamente, à medida que vivem sua própria experiência, vão compreendendo que o único caminho para derrubar seus opressores e exploradores é o indicado pelo PC do Brasil — o caminho da guerra popular. O resultado da farsa eleitoral do ano passado demonstra que parcela ponderável dos votantes repudiou as manobras dos militares e não caiu no "canto de sereia" dos revisionistas que aconselham a via eleitoral como saída para os problemas brasileiros. Tampouco as ações dos grupos "foquistas", desligadas da massa, podem conduzir à vitória. Com vistas à preparação e o desencadeamento da guerra popular — essência da tática aprovada na VI Conferência — é que os revolucionários autênticos transferem o centro de gravidade de sua atuação para o campo. Nele se darão os combates principais da luta armada, se criarão as bases de apoio e os camponeses constituirão o contingente fundamental do futuro exército popular, que derrotará as Fôrças Armadas da ditadura, apoiadas pelos imperialistas ianques. Começando por pequenas ações de tipo guerrilheiro, o exército do povo se tornará forte e imbatível, com o apoio e a participação ativa das massas de milhões e milhões de explorados e oprimidos. Ao mesmo tempo, os comunistas preocupam-se com a organização do povo nas cidades, sobretudo com a organização da classe operária — fôrça dirigente da revolução —, para que êste participe por todos os meios possíveis da luta revolucionária. Para ser vitoriosa, a guerra popular precisa ser uma luta de massas, contar com amplo apoio popular.

A ditadura militar foi abalada por diversas crises entre as quais as que assinalaram o fim dos governos de Castelo Branco e Costa e Silva. A partir do AI-5, frente ao clima de verdadeira rebelião popular que se instalou em vários lugares, a ditadura abandonou qualquer veleidade de simular certo respeito pelas instituições e liberdades democráticas e passou à repressão sem freios. É num clima de fascismo aberto que Médici vem governando, com o país amordaçado e as prisões e câmaras de tortura funcionando a todo vapor. Isto é sinal de fraqueza e não de fôrça da ditadura. A oposição de amplas camadas populares ao governo e os conflitos internos da camarilha militar continuam existindo como antes e agravadas pela conduta despótica e violenta do govêrno. Sua base política é mais estreita que a dos governos militares anteriores. Sua demagogia encontra audiência cada vez mais restrita. Mas, a ditadura militar-fascista não cairá por si mesma. Terá que ser derrubada pela fôrça do povo unido e organizado.

Os comunistas têm consciência da aspereza da luta e da ferocidade do inimigo que o nosso povo enfrenta. Por isso elevam continuamente a vigilância revolucionária em suas próprias fileiras e estendem suas ligações com as amplas massas. São otimistas, estão confiantes na vitória da causa pela qual lutam. Consideram como êxitos do povo brasileiro as vitórias dos povos que se batem por seus direitos contra o imperialismo, em particular o norte-americano, e a reação mundial. São inspirados pelo formidável ascenso revolucionário em todo o mundo e pelo robustecimento do nôvo movimento comunista que tem no Partido Comunista da China e no Partido do Trabalho da Albânia seus expoentes. Sentem-se estimulados pelos triunfos do marxismo-leninismo contra o revisionismo contemporâneo, encabeçado pelos social-imperialistas soviéticos. Tendo adotado firme posição na luta ideológica, os comunistas brasileiros compreendem que, apesar da crise por que passa o revisionismo, não devem atenuar a luta contra êle, em escala mundial e no país. A luta contra o revisionismo deve continuar. Tem raízes sociais. Representa, por isto, um perigo permanente. Confirmou-se inteiramente que, na luta ideológica, não pode haver posição intermediária, ou "centrista". Ou se é marxista ou se é revisionista. Não há terceira posição.

A prática de todos êsses anos demonstrou a necessidade de um Partido revolucionário do proletariado. Muitos revolucionários fracassam precisamente por não compreenderem esta verdade. Atualmente, a tarefa de revolucionarizar o Partido, unir a teoria à prática, adquiriu importância transcendental. É necessário fazer crescer quantitativamente a organização, mas o essencial é aprimorá-la qualitativamente. os militantes de um Partido revolucionário devem ser acima de tudo revolucionários. Devem adotar um estilo revolucionário de vida simples e trabalho duro, estarem sempre preparados para assumir os postos de maior sacrifício, subordinar todos os interêsses pessoais à causa da revolução, adquirir o máximo de espírito de iniciativa, saber agir sem esperar orientação "de cima". Para guiá-los, aí estão os documentos do Partido, inclusive as resoluções da VI Conferência.

É com justificado orgulho do caminho percorrido e cônscios de suas responsabilidades, que os comunistas comemoram o quinto aniversário da VI Conferência. A linha política por ela aprovada foi submetida à severa apreciação da prática e mostrou-se correta e revolucionária. Desfraldando a bandeira vitoriosa do marxismo-leninismo, voltando-se mais e mais para as massas e persistindo na prática de sua linha revolucionária, o Partido Comunista do Brasil tem diante de si um futuro luminoso. Sob sua direção, o povo brasileiro se livrará da ditadura militar-fascista e do imperialismo norte-americano, conquistará um nôvo regime, popular e revolucionário.

A SIGNIFICAÇÃO TEÓRICA E PRÁTICA DA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Trechos do discurso pronunciado pelo camarada Enver Hodja, 1º secretário do Partido do Trabalho da Albânia, no X Pleno do Comitê Central do PTA, realizado nos dias 25 e 26 de junho de 1970.

Atualmente, tôda a vida de nosso país está imbuída de um dinamismo sem precedentes, de contínuo desenvolvimento e transformação. Os movimentos revolucionários, as iniciativas e as mudanças se sucedem em tôdas as partes a ritmos acelerados. Todo êste desenvolvimento complexo e harmônico, que naturalmente não se realiza sem dificuldades, obstáculos e contradições, cria uma situação nova, coloca continuamente ante o Partido novas e múltiplas tarefas e problemas de caráter teórico e organizativo, de cuja solução dependem consideràvelmente também os ritmos de maior avanço para o socialismo e o comunismo.

(...) Tôda a vida do país, tôda a obra e vitória da classe operária, do campesinato cooperativizado e da intelectualidade popular na revolução e na construção socialista são inseparáveis da linha e do grande trabalho de organização do Partido, porque êle é a fôrça dirigente e orientadora de nossa sociedade. Nosso Partido sempre considerou e desenvolveu seu trabalho de organização em conjunto, incluindo nêle a política e a ideologia, a economia e a cultura, a ciência e a técnica, o govêrno e a defesa, etc. Neste sentido, o trabalho de organização do Partido sempre foi muito amplo, enquanto que sua aplicação exigiu ao mesmo tempo um pensamento verdadeiramente criador e formas que se adaptem à realidade.

Por conseguinte, quando falamos dos problemas de organização do Partido, jamais devemos nos permitir cair em simplificações, limitá-los ou reduzí-los, circunscrevendo-os sòmente a algumas normas ou regras de organização conhecidas. (...) Uma tal compreensão mecânica dos problemas de organização do Partido não só é muito estreita, como tampouco é correto o conceito de que o trabalho de organização do Partido se compreenda e se limite apenas a determinar ou a adotar algumas medidas puramente práticas, carentes de conteúdo político e ideológico e sem claras perspectivas sôbre a amplitude e a profundidade dos resultados que se quer obter.

(...) As questões de organização do Partido não podem ser separadas de seu trabalho organizativo em tôdas as tarefas e em diversos problemas que constituem a linha do Partido. A política não pode ser compreendida desligada da organização pela aplicação desta linha e nenhuma das duas poderá ser compreendida nem aplicada por nosso Partido se não se inspiram, se não estão imbuídas e orientadas pela ideologia marxista-leninista.

(...) É sabido, e sôbre isto se tem falado freqüentemente, que o trabalho de organização do Partido, suas formas, métodos e estilo não são algo rígido, invariável e definitivo. Não. São dinâmicos, variáveis e devem modificar-se segundo a etapa de desenvolvimento dos fatôres materiais e subjetivos, de acôrdo com as novas tarefas e problemas que a prática coloca, segundo as necessidades do fortalecimento do próprio Partido, do Poder e de todo o regime econômico-social socialista.

(...) Quando se dá uma diretiva, determina-se, ao mesmo tempo, as formas de organização do trabalho para poder aplicá-la. (...) A diretiva ou as formas de organização para sua aplicação, no entanto, podem conter erros. Isto é comprovado pela prática e é necessário que esta seja sempre levada em conta, não de forma passiva, mas revolucionária.

(...) Quando dizemos que a organização de base deve ter iniciativa própria, ser revolucionária e combativa, não se deve entender isto como uma tarefa que diz respeito só à organização de base, mas que, com seu exemplo, todo militante assim atue na prática. Não pode haver organização revolucionária sem comunistas revolucionários. Por conseguinte, se o comunista, armado com as resoluções e diretivas do Partido, não atua eficazmente em todo trabalho e em tôda atividade revolucionária cotidiana e não se esforça por encontrar as formas de organização, o método e estilo de trabalho adequados, não pode desempenhar devidamente o papel como dirigente, como comunista. Quando a circunstância exige, pode e deve atuar inclusive de forma independente para aplicar a diretiva e não esperar que se reúna a organização de base para criticar algum camarada que viola a diretiva ou a disciplina, como fazem alguns comunistas que permanecem de braços cruzados e dizem que se atêm às formas de organização.

(...) As questões de organização são de importância decisiva tanto nos setores de trabalho do Partido, como nos da economia, da instrução e da cultura, no exército, assim como em tôdas outras frentes de trabalho e de produção, no trabalho manual ou intelectual. Todo trabalho que se pretende empreender deve ser pràviamente bem organizado.

Dizemos que as idéias são o reflexo do mundo material, porém, freqüentemente ocorre, sobretudo com os que não aprofundam esta questão, considerarem como al-

go que não se submete a uma ordenação e a uma organização, enquanto que, na realidade, as idéias, em todos os casos, sob qualquer forma e modo que apareçam, estão acompanhadas de uma forma de organização, de ordenamento e de coordenação. Assim se entende a questão: quando a realidade se reflete corretamente em nossas idéias, estas expressam o nexo organico das coisas e fenomenos que nos rodeiam, expressam aquela organização e ordem que existe no mundo exterior. Em outras palavras; expressam a logica, a dialética objetiva do mundo material. Por outra parte, para que as idéias sejam claras e compreensiveis para nós mesmos, e mais ainda para os outros, é indispensável organizá-las, coordená-las e sistematizá-las. Do contrário, as idéias são confusas, os problemas são levantados de forma desordenada e as conclusões não são lógicas.

(...) Não se deve relegar, pois, a organização a plano secundário, porque ela é base e parte integrante da aplicação da lei, da diretiva. A boa e perfeita organização em tudo é uma questão científica e de grande importancia. Uma organização perfeita, científica, não só possibilita a realização da lei, da diretiva, da ciência, como também faz avançar esta última e ajuda a descobrir facetas desconhecidas das leis e dos fenômenos. Uma má organização, não científica, por seu lado, que não leva em consideração todas as particularidades objetivas e subjetivas, prejudica e freia a teoria e a prática. A organização, portanto, é uma questão vital que está ligada à teoria e à prática.

(...) A organização é um poderoso meio que leva à frente o desenvolvimento, os trabalhos, o pensamento. É um conhecimento que não nasce espontâneamente no homem, mas se consegue trabalhando; é um conhecimento sem limites determinados, que não é igual em todo o trabalho e momento e não pode ser estabelecido como modêlo e de forma permanente. A organização perfeita é uma arte que se baseia em amplos conhecimentos teóricos, políticos, científicos e organizativos, que sabe combinar devidamente as particularidades e tem claros os objetivos que deve alcançar, que se caracteriza por um espírito progressista, revolucionário, que não teme as dificuldades, mas as prevê. A organização perfeita se alicerça na vontade férrea e no trabalho infatigável; tem em conta o aproveitamento do tempo, a aplicação da técnica moderna e outras particularidades.

Vistas sob êste prisma, pode-se compreender a grande importância que se deve dedicar às questões de organização.

X "A luta revolucionária em nosso país assumirá a forma de guerra popular. Esta constatação dimana tanto da experiência internacional como do estudo da realidade brasileira. Quando o imperialismo norte-americano interfere a ferro e fogo em tôda a parte e as fôrças reacionárias desenvolvem o aparelho de coerção, somente uma luta que englobe o povo em seu conjunto poderá ter pleno êxito.

A guerra popular é o caminho para a emancipação dos povos oprimidos nas novas condições do mundo. É a maneira atual de enfrentar e derrotar os opressores. Não é o caminho clássico da greve geral política e da insurreição nas cidades, tal como ocorreu na antiga Rússia, mas o da luta armada que, paulatinamente, vai-se estendendo até abarcar a esmagadora maioria do povo. No curso da guerra popular, as greves gerais e os levantes nos grandes centros poderão surgir. Não constituirão, no entanto, a sua característica determinante. As fôrças armadas populares, inicialmente débeis, crescem e tornam-se fortes e superiores às do adversário. Por mais dificuldades que defrontem, por mais derrotas parciais que sofram, sua tendencia será a de se ampliar, fortalecer e vencer o inimigo. Sendo parte integrante do povo, têm nele a fonte de sua invencibilidade.

A concepção da guerra popular pressupõe intenso trabalho político e de organização entre as massas. Implica na necessidade de organizar as fôrças armadas do povo, a partir de pequenos núcleos de combatentes, no amplo emprego da tática de guerrilhas e na criação de bases de apoio no campo. Envolve a compreensão de que os camponeses pobres e os assalariados agrícolas constituem o grosso das fôrças armadas populares, que o cenário principal dos choques armados é o interior do país e que a luta será dura e prolongada.

É para a guerra popular que o povo brasileiro terá que se preparar. Em tôda parte, em especial no campo, é preciso discutir os problemas da luta armada e, guardadas as normas de trabalho conspirativo, tomar medidas visando a sua preparação prática. O povo brasileiro, unindo suas fôrças em ampla frente única, desenvolvendo intensa atuação política e recorrendo às mais variadas formas de luta, estará em condições de conquistar a vitória."

(Do documento: "União dos Brasileiros para Livrar o País da Crise, da Ditadura e da Ameaça Neocolonialista", aprovado na VI Conferencia Nacional do PC do Brasil em Junho de 1966)

SALVE O 2º ANIVERSÁRIO DO G.R.P!

Quando se comemora o 2º aniversário de fundação do Govêrno Revolucionário Provisório da República do Vietname do Sul, os militares e civis da Frente Nacional de Libertação e o povo daquele país perseveram na luta armada revolucionária contra os agressores norte-americanos e seus colaboradores.

Reconhecido e prestigiado por inúmeros países e apoiado pelos povos revolucionários de todo o mundo, o legítimo govêrno do Vietname do Sul vem dirigindo seu povo, nestes dois anos, nas batalhas pela libertação do país. Em colaboração com os povos do Laos e Camboja, desbaratou as expedições agressivas dos ianques e seus fantoches a êstes países, inflingindo-lhes dezenas de milhares de baixas e destruindo e apreendendo copioso material bélico do inimigo. Sitiou, destruiu e ocupou inúmeros objetivos militares importantes no Vietname do Sul, aumentando mais ainda seu contrôle sôbre o país.

Desmascarando as mentirosas afirmações do govêrno ianque sôbre a retirada de tropas e o término da guerra, os vietnamitas continuam esmagando, a cada dia que passa, mais e mais tropas dos ocupantes norte-americanos, colocando os fascistas de Washington em má situação. O próprio povo norte-americano é estimulado por essas vitórias dos povos indochineses em sua rebeldia contra a política guerreira da Casa Branca.

Apesar das crescentes dificuldades, o imperialismo ianque não abandonará fàcilmente os campos de batalha da Indochina. Êle não se conforma com as derrotas e estende mais ainda a guerra a outros países da Ásia. Recorre a mentiras e enganos para perpetuar sua dominação naquela parte do mundo.

Porém, não se deixando envolver por estas manobras e perseverando na luta armada revolucionária, inevitàvelmente o povo vietnamita, juntamente com os outros povos indochineses, derrotará seus inimigos, libertará finalmente o sul do país e poderá tratar da unificação pacífica de sua Pátria.

Os comunistas brasileiros, fiéis ao princípio do internacionalismo proletário, na vanguarda de seu povo, compreendem que, quanto mais intensificarem sua luta revolucionária contra os imperialistas norte-americanos e a reação interna, mais estarão ajudando seus irmãos vietnamitas a se libertarem. Saúdam as vitórias dos povos da indochina e estão profundamente convencidos que êstes triunfarão em sua guerra de resistência à agressão ianque e pela salvação nacional.

INDOCHINA: GRAVE ÊRRO DE CÁLCULO DOS IMPERIALISTAS IANQUES

Os documentos secretos do Pentágono que o "New York Times" e o Washington Post" vem publicando, põem a nú a hipocrisia do imperialismo ianque, que procurou enganar a opinião pública e, conscientemente, de maneira criminosa, ampliou a guerra de agressão que realiza contra os povos da Indochina, desde que substituiu nesta ingrata tarefa os colonialistas franceses.

Fica evidente que o incidente do golfo de Tonquim, em agôsto de 1965, foi forjado pelos imperialistas ianques e utilizado como simples pretexto para o início do bombardeio da República Democrática do Vietname. Os planos para esta ação de pirataria já estavam concluídos desde o mês de fevereiro. Nixon, quando vice-presidente no governo Eisenhower, foi partidário do emprêgo de armas atômicas táticas, em 1954, para conter o avanço dos vietnamitas contra os imperialistas franceses encurralados em Dien Bien Phu.

Os fatos tornados públicos, são uma ata de acusação aos imperialistas ianques e à sua política de guerra e agressão praticada pelos sucessivos govêrnos norte-americanos. Se Kennedy, democrata, iniciou a guerra aberta de agressão ao povo vietnamita, com o envio de milhares e milhares de sóldados e equipamentos bélicos, Johnson, também democrata, ampliou a agressão, mandando mais tropas para aquêle país asiático e ordenando o bombardeio maciço da RDV. Nixon, republicano, autor da política de "vietnamização" da guerra, arca com a responsabilidade do ataque ao Camboja e a fracassada aventura no Laos, estendendo a guerra a tôda a Indochina.

Ao ampliarem a guerra, os imperialistas ianques e seus lacaios cometeram grave êrro de cálculo. Em vez de uma vitória militar, só conseguiram ampliar as proporções de suas derrotas. Os três povos indochineses uniram suas fôrças e batem em tôda parte os agressores e seus lacaios. O povo americano, e os demais povos do mundo, por seu lado, intensificam suas ações de protesto e prestam sua solidariedade ativa aos valentes patriotas do Vietname, do Laos e do Camboja.

AINDA OS "ESQUADRÕES DA MORTE"

Responsáveis por milhares de assassinatos, os "Esquadrões da Morte" continuam nas manchetes dos jornais. O noticiário a seu respeito não é motivado pelos inquéritos instaurados nos diversos Estados para supostamente apurar seus crimes, mas precisamente pelos crimes que nunca deixou de praticar.

Os integrantes dos vários "Esquadrões" intensificaram sua atividade. No Estado do Rio, só no mês de maio, os facínoras da polícia fluminense mataram 13 pessoas. Na Guanabara, entre outros crimes, foi morta uma mulher, testemunha do assassínio de seu marido. O próprio governador da Bahia, face às evidências e ao clamor público, se viu obrigado a admitir a existência, naquele Estado, de quadrilha de "policiais de várias categorias" que roubam e cometem "crimes os mais bárbaros". Em São Paulo, apesar de tôdas as provas, conhecidos integrantes do "Esquadrão" continuam em seus cargos e prestigiados por seus superiores que, inclusive, processam um jornalista por ter denunciado os crimes dos policiais.

Uma onda de protestos se levanta contra essa atividade criminosa. Ao lado da maioria da população, numerosas organizações têm demonstrado públicamente sua repulsa ao "Esquadrão da Morte". Tal a atitude da Ordem dos Advogados do Brasil, da ABI, da Conferência Nacional dos Bispos, entre outras. A decisão do Supremo Tribunal Federal negando "habeas corpus" aos quadrilheiros paulistas é bem um sintoma do crescimento da oposição aos métodos policiais.

Em face de tais protestos, a ditadura tenta montar uma farsa para inocentar seus colaboradores. Os inquéritos que tramitam em vários Estados pretendem simular uma resposta às vozes que se avolumam condenando os "Esquadrões". Não podendo mais negar os crimes, o govêrno arma a farsa das investigações, entregando-a às mãos de policiais, muitos dos quais ligados aos criminosos. Quando, como no caso da Guanabara, é nomeada pessoa não pertencente à polícia, a escolha é feita com intensões claras. Designado para êsse mister, o promotor José Silveira Lôbo, antes de qualquer verificação, declarou: "Não acredito na participação de policiais naqueles assassínios...", dando bem a idéia de qual será sua conduta e de que desígnios estão imbuídas as autoridades cariocas. No entanto, quando aparecem juízes ou promotores dispostos a verificar realmente os crimes, são submetidos a tôda sorte de pressão, como ocorre com o promotor Bicudo, de São Paulo.

O desembaraço dos integrantes dos "Esquadrões da Morte" e a garantia de sua impunidade mostram que essa organização age de acôrdo com a política de "segurança nacional" da ditadura. Os carrascos, os assassinos frios são seus homens de confiança. O delegado Fleury, integrante comprovado do "Esquadrão" paulista, é homem forte no DOPS, onde se vangloria da eliminação covarde e criminosa de patriotas.

O povo brasileiro vê no "Esquadrão da Morte" a faceta terrorista da ditadura militar e exige a punição exemplar dos policiais criminosos, do mesmo modo como ajustará contas com os que usurparam o Poder.

AMERICANOS FINANCIAM E ASSESSORAM REPRESSÃO NO BRASIL

Há pouco, o Brasil hospedou dois assessôres da Comissão de Relações Exteriores do Senado norte-americano que aqui vieram investigar a aplicação da verba de 400 mil dólares fornecida pelos Estados Unidos para "reaparelhamento da Polícia brasileira". "Nosso objetivo é esclarecer se a ajuda que estamos concedendo corresponde aos interêsses dos Estados Unidos", declarou Franck Church, presidente da sub-comissão para assuntos latino-americanos.

Fatos como êsse não surpreendem a ninguém. É bem conhecida a influência da CIA na supervisão da polícia política brasileira e nos demais órgãos de repressão. Informa a revista "North American Congress Latin-American" que o Brasil é o país onde atua maior número de assessôres da CIA, número só superado pelos que funcionam no sul do Vietname e na Tailândia. Segundo fontes de Washington, 100 mil policiais foram treinados no Brasil segundo a técnica de repressão norte-americana. Seiscentos policiais brasileiros fizeram curso de especialização nos Estados Unidos.

É por tudo isso que o povo brasileiro associa sua luta contra a ditadura militar ao combate sem tréguas à dominação imperialista norte-americana.

ASSIM TREINA O EXÉRCITO BRASILEIRO

No dia 3 dêste mês, uma unidade do 19º Regimento de Infantaria, de São Leopoldo, ocupou as instalações da fábrica Borbonite. De surprêsa, 110 soldados das unidades especiais conhecidas como "boinas verdes", espalharam-se, metralhadora em punho, entre os operários da fábrica, vigiando-os na execução de seu trabalho. Esfregando as mãos de contentamento, um diretor da firma disse: "Achamos profundamente interessante contarmos com um sistema de segurança que possibilite a produção tranqüila em tempo de agitação ou mesmo guerra". O comandante da ID/6, que acompanhou a operação, satisfeito, declarou: "Esta operação possibilita até obrigar o inimigo a trabalhar para nós".

Como se verifica, os inimigos dos militares são os trabalhadores.